

GUERRA SINO-SOVIÉTICA DE 1969: A RELAÇÃO ENTRE OS CONFLITOS EXTERNOS DA CHINA E OS SEUS IMPASSES POLÍTICOS INTERNOS

Isabella Santana dos Santos¹

RESUMO

Este artigo busca compreender os motivos políticos endógenos que resultaram no conflito sino-soviético de 1969 e, a partir disso, refletir sobre as relações entre a política interna e as guerras externas que envolveram a China Maoista, bem como conhecer o papel da guerra externa como solução do impasse político interno. Para desenvolver o tema proposto, analisa-se como as disputas territoriais e as divergências ideológicas, culturais e militares entre China e União Soviética influíram no conflito entre esses dois países. Além disso, também procura-se entender o impacto da Revolução Cultural Chinesa e da luta de Mao Zedong contra o revisionismo no conflito sino-soviético. Por fim, pretende-se tratar, brevemente, do papel dos armamentos nucleares e discutir o quanto eles influenciaram na dissuasão dessa guerra. Ou seja, serão estabelecidas relações entre os conflitos internos e externos buscando verificar qual o peso de cada um desses fatores para a eclosão da Guerra Sino-Soviética em 1969.

PALAVRAS-CHAVE: Conflito; Sino-Soviético; Política; Fronteiras; China.

Introdução

Tropas chinesas emboscaram e mataram um grupo de soldados russos na fronteira da ilha Zhenbao em 2 de março de 1969. Em 15 de março, ocorreram novos confrontos em que ambos os países utilizaram grande poderio militar. Esses conflitos remontam a diversos tratados assinados entre a Rússia e a China desde o século XVII, dentre eles, encontra-se o tratado de Pequim de 1860, em que as ilhas fluviais ao longo do rio Ussuri foram designadas como fronteira entre o império russo e o império chinês Qing. Dessa forma, de acordo com a China, a URSS possuir a propriedade dessas ilhas fazia parte do emblemático expansionismo russo que forçou a China a ceder territórios. Sendo assim, a China planejou o ataque a Zhenbao como uma maneira de impedir futuras provocações soviéticas. A URSS, no entanto, interpretou as ações chinesas como um acirramento do antagonismo entre as duas nações que já vinha aumentando nos últimos anos.

¹ Graduanda em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Contato: isabellasantana@usp.br

Após os enfrentamentos, a União Soviética adotou uma estratégia de diplomacia coercitiva em relação à China, assim sugeriu que poderia usar armas nucleares nos conflitos, especialmente para atingir instalações nucleares chinesas que estavam em construção. Inicialmente, a China não deu credibilidade às ameaças nucleares de Moscou, por isso não respondeu as primeiras propostas para realizar negociações. A percepção de Pequim quanto às ameaças soviéticas mudou drasticamente no verão de 1969, quando o governo soviético anunciou na imprensa que estava aproximando-se de outros países. A partir desse momento, Mao Zedong passou a reconhecer a possibilidade de um ataque. Sendo assim, nota-se que há uma influência da diplomacia e das relações internacionais na condução das negociações dessa guerra, pois os acordos traçados no plano internacional são relevantes para a mudança de posicionamento da China.

A partir da breve contextualização feita acima, esse artigo buscará analisar os fatores políticos internos à China Maoista que influenciaram no confronto sino-soviético, como a Revolução Cultural Chinesa, a luta de Mao Zedong contra o revisionismo de Nikita Khrushchev, dentre outros. Apesar disso, não se pode ignorar que as questões políticas externas, como as disputas territoriais e as divergências entre a China e a URSS, interferiram de alguma maneira na Guerra Sino-Soviética. Portanto, serão estabelecidas relações entre os conflitos internos e externos. Além disso, essa apresentação pretende contribuir para o preenchimento de uma demanda no Brasil, onde há uma grande carência nos estudos sobre a história da política externa da China durante o regime de Mao Zedong (1949-1976).

Acordos e Tratados sino-russos e sino-soviéticos

Diversos tratados de cooperação foram estabelecidos entre a China e a URSS até meados da década de 1950. Após a morte de Stálin em 1953, o político Nikita Khrushchev buscou o apoio chinês para firmar uma posição de liderança no governo soviético. Entretanto, a partir da consolidação de Khrushchev como dirigente da União Soviética em 1958, surgiram desentendimentos entre os dois países. A situação piorou quando, além de apoiar a Índia em um conflito sino-indiano, Moscou negou uma ajuda nuclear a Pequim em 1959.

As tensões aumentaram em 1964, ano em que, segundo o historiador Yang Kuisong², os líderes chineses temiam invasões soviéticas e americanas por conta da Guerra do Vietnã. Além disso, a invasão da Checoslováquia pela URSS foi um fator determinante para a deterioração das relações sino-soviéticas, pois os dirigentes do Partido Comunista Chinês alimentaram ainda mais o receio de uma invasão de Moscou. Dessa maneira, China e URSS intensificaram suas

² Bacharel pela Renmin University, ocupa o cargo de professor na East China Normal University e na Peking University.

divergências que culminaram no conflito armado nas fronteiras na região da ilha Zhenbao em 1969³.

A China possui um vasto território e fronteiras com diversos outros Estados. Dessa forma, nota-se que o país está inserido em vários conflitos territoriais que influenciam e são intensamente influenciados por fatores políticos. O estudioso Michael S. Gerson⁴ argumenta em seu texto que, por muitos anos, a Rússia expandiu suas fronteiras forçando a adesão chinesa a tratados desiguais⁵, conceito definido por Lissitzyn e Pugh como:

[treaties that] constrain one party's exercise of sovereignty in foreign affairs; unreasonably interfere with domestic jurisdiction; depend on the legislative actions of one party; do not create reciprocal rights and obligations between the parties; and require unequal commitments from the parties.⁶ (LISSITZYN; PUGH, 1969, p. 334 *apud* FINKELSTEIN, 1969, p. 454).

Vários acordos feitos entre China e Rússia por questões territoriais foram considerados “tratados desiguais”. Por exemplo, no tratado de Nerchinsk, assinado em 1689, o governo chinês foi coagido pelo Tzar, cedendo 93 mil milhas quadradas para a Rússia. Esse acordo colocou fim a diversos conflitos entre os dois países na região da Manchúria. O tratado de Kiakhta de 1727, apesar de não ser considerado um tratado desigual, pois ambos os países assumiram grande número de compromissos, falhou na delimitação da fronteira oeste entre China e Rússia. O tratado de Aigun (1859) ocorreu em um contexto de pressão das tropas militares russas sobre a China. Dessa forma, o Estado chinês cedeu territórios na fronteira na região do rio Amur. O tratado de Pequim (1860) foi assinado entre a China, a França, a Inglaterra e a Rússia. Esse acordo ratificou as decisões do tratado de Aigun, fazendo com que a China não conseguisse recuperar os territórios na região do rio Amur.

Dessa maneira, segundo Gerson, o governo chinês preocupava-se com a segurança de suas fronteiras que eram ameaçadas pelo expansionismo russo, isso gerou tensões nas regiões fronteiriças entre China e União Soviética e alimentou a rivalidade entre os dois países⁷. Portanto, os atritos por questões territoriais são fatores importantes para compreender a ruptura sino-soviética.

3 YANG, Kuisong, . *The Sino-Soviet Border Clash of 1969: From Zhenbao Island to Sino-American Rapprochement*. Cold War History, Londres, Frank Cass, v. 1, n. 1, 2000, p. 21-52.

4 Bacharel em História pela Universidade do Texas, mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Chicago e um dos principais analistas do CNA (Center for Naval Analyses), agência estadunidense que, dentre suas atividades, estuda políticas militares e de segurança.

5 GERSON, Michael S.. *The Sino-Soviet Border Conflict: Deterrence, Escalation, and the Threat of Nuclear War in 1969*. Center for Naval Analyses (CNA), Arlington, 2010, p. 10.

6 LISSITZYN; PUGH, 1969, p. 334 *apud* FINKELSTEIN, 1969, p. 454.

7 GERSON, Michael S.. *The Sino-Soviet Border Conflict: Deterrence, Escalation, and the Threat of Nuclear War in 1969*. Center for Naval Analyses(CNA), Arlington, 2010, p. 23-27.

As divergências entre China e União Soviética

As divergências ideológicas e culturais entre China e URSS também influíram no conflito. Em relação a essa questão, é importante ressaltar que Gerson parte de documentos e indícios mais recentes que apontam que a China foi quem iniciou a guerra em 2 de Março de 1969 na fronteira da ilha Zhenbao como uma forma de mostrar para a URSS que encontraria ampla resistência caso invadisse seu país⁸. Entretanto, as diferenças culturais entre os dois Estados fizeram com que a Rússia entendesse esse evento como um aumento do antagonismo e das hostilidades entre as nações comunistas. Dessa maneira, a União Soviética adotou uma política cada vez mais coercitiva em relação a China e outros confrontos ocorreram na fronteira nesse mesmo ano.

Outro ponto a ser destacado são as diferenças entre as estratégias militares utilizadas por ambos os países. Michael Gerson afirma que, enquanto a União Soviética conduziu à fronteira maior número de armas e poder nuclear, a China usou um grande contingente humano (tropas)⁹. Pode-se perceber que as distintas táticas aplicadas estão atreladas ao desequilíbrio bélico entre os dois Estados.

Soviet forces, by contrast, were motorized, and possessed superior artillery as well as large numbers of tanks, armored personnel carriers (APCs), airplanes, and helicopters. Thus, China's superiority in troop numbers was balanced by Soviet superiority in equipment and weapons.¹⁰ (GERSON, 2010, p.17)

Ademais, observa-se que a “desestalinização”, medida adotada por Nikita Khrushchev que buscava minimizar a herança stalinista na URSS combatendo o culto a personalidade de Stálin, foi recebida pelos dirigentes do Partido Comunista Chinês de forma muito negativa. Além disso, a coexistência pacífica, política implementada por Khrushchev que defendia que países socialistas podiam conviver com países capitalistas, permitiu uma reaproximação entre a URSS e os EUA. Neste contexto, Mao Zedong começou a acusar Khrushchev de “revisionista”, ou seja, Mao acreditava que a URSS estava abandonando as premissas do Marxismo.

Michael Gerson, assim como o cientista político Taylor Fravel¹¹, mostra que os confrontos entre os dois países não envolviam apenas as disputas por território, mas também manifestavam as divergências ideológicas apresentadas acima. Afinal, a ilha Zhenbao não

8 *Ibidem*, p. 24.

9 *Ibidem*, p. 16-18.

10 GERSON, Michael S.. *The Sino-Soviet Border Conflict: Deterrence, Escalation, and the Threat of Nuclear War in 1969*. Center for Naval Analyses, 2010, p. 17.

11 Graduado em Ciência Política pela Middlebury College e doutor pela Universidade de Stanford.

possuía importância estratégica ou econômica, sua relevância era simbólica. “Zhenbao Island, after all, is a small, uninhabited, strategically meaningless island that is often submerged at high-water. At best, the island is useful for logging and for fisherman to dry their nets.”¹²

As agitações dentro da China

Yang Kuisong argumenta acerca do medo que pairava, em 1969, sobre o governo chinês. As preocupações dos líderes da China estavam relacionadas às agitações internas ligadas à Revolução Cultural, período em que Mao Zedong buscou afastar a China do modelo soviético de comunismo, o que gerou intensas disputas políticas dentro do Partido Comunista Chinês e conturbações sociais.

Nota-se que Estados que enfrentam problemas internos, muitas vezes, utilizam a política externa combinada à repressão interna para garantir a estabilidade de seu governo dentro desses países. Pode-se observar, por exemplo, que o Partido Comunista combateu intensamente os conflitos instaurados a partir da Revolução Cultural. Mao Zedong também iniciou estratégias relativas às relações internacionais para manter a segurança nacional, é dentro desse contexto que ocorre a reaproximação entre EUA e China. Yang aponta que a aliança aos Estados Unidos foi uma estratégia para combater, primeiramente, o oponente considerado mais ameaçador, a União Soviética. Segundo o analista, a China enxergava no estreitamento das relações com os EUA uma forma de pressionar Moscou a seu favor no conflito sino-soviético.¹³

Taylor Fravel argumenta que os chefes de Estado tendem a cooperar internacionalmente para manter a estabilidade política em seus governos. Dessa forma, a concessão de territórios é uma das ferramentas usadas para fazer alianças com os países vizinhos e conseguir apoio para reprimir os conflitos internos.¹⁴ Na China, por exemplo, a maior parte das disputas territoriais foram nas fronteiras, regiões em que há grande quantidade de minorias étnicas e o regime encontrava-se enfraquecido, e um elevado número de concessões foi realizado. A tabela a seguir ilustra essa questão:

12 *Ibidem*, p. 10.

13 YANG, Kuisong. *The Sino-Soviet Border Clash of 1969: From Zhenbao Island to Sino-American Rapprochement*. Cold War History, Londres, Frank Cass, v. 1, n. 1, 2000, p. 31-34.

14 FRAVEL, M. Taylor. *Regime Insecurity and International Cooperation: Explaining China's Compromises in Territorial Disputes*. International Security, Cambridge, v. 30, n. 2, 2005, p. 51-55.

Disputas Territoriais Chinesas, 1949-2005 (FRAVEL, 2010, p.56-57)				
Área disputada	Km²	Negociações	Disputas no território interno	Descrição dos acordos estabelecidos
Hong Kong	1.042	1982-84	1984: JD	Território retornou para a China.
Macao	25	1986-87	1987: JD	Território retornou para a China.
Taiwan	32.260	--	--	Disputa permanece ativa.
Área disputada	Km²	Negociações	Disputas na fronteira	Descrição dos acordos estabelecidos
		1956-57	--	Negociações mantiveram-se após o confronto das tropas na fronteira.
Fronteira com Burma	1.909	1960	1960: BA 1960: BT 1961: BP	China recebeu 18% do território disputado; Burma recebeu uma rodovia estratégica, uma mina de sal, e a principal bacia hidrográfica na fronteira norte.
Fronteira com o Nepal	2.476*	--	1960: BA 1960: BT 1963: BP	China recebeu 6% do território disputado e metade do monte Everest; Nepal ficou com a maior parte das áreas de pastagem.
Fronteira com a Índia	125.000	1960	--	China propôs ficar com 26% do território disputado; disputa permanece ativa.
		1981-presente	1993: MTA 1996: CBMs 2005: PriA	--
Fronteira com a Coreia do Norte	1.165	1962	1962: BT 1964: BP	China recebeu 40% do que foi disputado do lago da cratera no monte Changbai; Coreia do Norte ficou com o que restou.
Fronteira com a Mongólia	16.808	1962	1962: BT 1964: BP	China recebeu 29% do território disputado.
Fronteira com o Paquistão	8.806**	1962	1962: BT 1964: BP	China recebeu 60% do território disputado, mas transferiu 1.942 km ² para o Paquistão.

Fronteira com o Afeganistão	~7.381	1963	1963: BT 1965: BP	China não recebeu nenhuma parte do território disputado do corredor de Wakhan.
	~1.000	1964	--	Consenso alcançado para dividir as ilhas igualmente de acordo com o princípio de Thalweg.
		1969-78	--	--
Fronteira com a Rússia (oriental)***		1987-91	1991: BA 1999: BP	China recebeu 52% das ilhas do rio; outras áreas foram divididas igualmente.
Fronteira com o Butão	1.128	1984-presente	1998: MTA	China propôs ficar, oficialmente, com 24% do território disputado; a disputa permanece ativa.
Fronteira com o Laos	18	1990-91	1991: BT 1993: BP	China recebeu, oficialmente, 50% do território disputado.
Fronteira com o Vietnã	227	1997	--	--
		1992-99	1993: PriA 1999: BT	China recebeu 50% do território disputado.
Fronteira com a Rússia (ocidental)****	Sem dados	1992-94	1994: BA 1999: BP	Acordo afirmou a real linha de controle.
Fronteira do Cazaquistão***	2.420	1992-98	1994: BA 1997: SA 1998: SA 2002: BP	China recebeu aproximadamente 22% do território disputado.
Fronteira com o Quirguistão***	3.656	1992-99	1996: BA 1998: SA 2004: BP	China recebeu aproximadamente 32% do território disputado.
Fronteira com o Tajiquistão***	28.430	1992-2002	1999: BA 2002: SA	China recebeu 4% do território disputado em Pamir; outros setores foram divididos igualmente.
Ilhas estratégicas na fronteira com a Rússia***	408	1964	--	--
		1990-2004	2004: SA	O Controle das ilhas Abagaitu e Hexiazi foi dividido igualmente.
Área disputada	Km²	Negociações	Disputas em ilhas no alto-mar	Descrição dos acordos estabelecidos
Ilha Cauda do Dragão Branco	~5	1957	Sem acordo formal	A ilha foi transferida para o Vietnã do Norte.

Ilhas Paracel	~10	--	--	Disputa permanece ativa.
Ilhas Spratly	~5	--	--	Disputa permanece ativa.
Ilhas Senkaku	~7	--	--	Disputa permanece ativa.

NOTAS: BA (acordo de fronteira), BP (protocolo de fronteira), BT (tratado de fronteira), CBMs (medida de construção de confiança), MTA (acordo de manutenção de paz), JD (declaração conjunta), PriA (acordo de princípios), e SA (acordo suplementar).

*Dado exclui a disputa pelo monte Everest; **Dado exclui a disputa pelo K2; *** Território também disputado com a União Soviética.

Fonte: Traduzido de *Regime Insecurity and International Cooperation* ¹⁵

Entretanto, verifica-se que, apesar das tentativas de negociação, os conflitos sino-soviéticos não foram resolvidos diplomaticamente, e isso gerou uma guerra que usou amplamente as forças militares dos dois países. Embora houvesse influência das disputas territoriais e das divergências ideológicas e culturais no conflito sino-soviético, os fatores políticos internos são as motivações mais significativas. A posição de Mao Zedong contra o revisionismo soviético não favorecia uma aproximação com a URSS, pois poderia desestabilizar sua liderança dentro do Partido Comunista apoiada pela ala mais radical. Além disso, a China enfrentou grande instabilidade durante a Revolução Cultural e a criação de um inimigo externo foi útil para alimentar um discurso de unidade nacional, agregando as regiões de fronteira em que o governo não era aceito pelas minorias étnicas.

Os líderes do Partido Comunista Chinês, por exemplo, afirmavam que, além do elevado número de soldados, os chineses possuíam uma grande integridade moral que os faria vencer a guerra. Ou seja, observa-se como o confronto foi usado para unificar os chineses através de uma característica, a superioridade do seu caráter, como mostra o excerto abaixo:

Chinese statements in the 1960s continued these themes. In 1966, the Liberation Army News declared that China ‘cannot rely purely on weapons, equipment, and techniques’ in its military strategy. ‘The most important factor,’ the article contended, ‘is man’s courage, consciousness, spirit of sacrifice, and ability to withstand tough tests.’ Such attributes create a ‘moral atom bomb’ that can be used to ‘defeat strong enemies at home and abroad.’¹⁶ (GERSON, 2010, p.18)

Ao que se refere a dissuasão da guerra, as armas nucleares tiveram pouca influência sobre a decisão da China de atacar os soviéticos em 2 de março e manter as tensões posteriormente. Este caso indica que podem haver desentendimentos e confrontos entre países que possuem arsenais nucleares sem que

¹⁵ FRAVEL, M. Taylor. *Regime Insecurity and International Cooperation: Explaining China’s Compromises in Territorial Disputes*. International Security, Cambridge, v. 30, n. 2, 2005, p. 56-57.

¹⁶ GERSON, Michael S.. *The Sino-Soviet Border Conflict: Deterrence, Escalation, and the Threat of Nuclear War in 1969*. Center for Naval Analyses (CNA), Arlington, 2010, p.18.

o equilíbrio nuclear seja levado em conta. Portanto, a política internacional teve um papel central para a resolução do conflito sino-soviético. No início da década de 1960, a China não dava credibilidade às ameaças nucleares soviéticas, mas a aproximação da URSS a outros países fez com que Pequim começasse a reconhecer a possibilidade de um ataque e aceitasse as negociações, assim como apresenta o trecho:

As this study has shown, Beijing's perception of the credibility of Soviet nuclear threats changed when Chinese leaders learned that Moscow had been approaching foreign governments. This shift suggests that diplomatic overtures, as well as more traditional military posturing, can affect an opponent's perception of threat credibility. Overtures to foreign governments appear to add a new dimension of credibility, since an adversary is likely to reason that a state would not raise such issues with others if it were not committed to carrying out its threats. (*Ibidem*, p. 59.)

Ademais, Gerson afirma que as experiências nucleares menores, às vezes, podem ser mais relevantes do que a Guerra Fria no que diz respeito a implementação de políticas relativas aos desafios nucleares.¹⁷ O conflito entre China e URSS, nessa perspectiva, é importante, pois envolveu Estados com poderes nucleares assimétricos, além de culturas e estratégias muito distintas.

Considerações Finais

Por meio das análises realizadas, é possível inferir a grande relevância que a política interna de um país, especificamente da China, possui sobre as relações que serão estabelecidas com outras nações e como as alianças ou contendas externas impactam sobre a política doméstica, o que revela uma certa dialética. O conflito sino-soviético, a reaproximação chinesa com os EUA e as repressões realizadas pelo governo chinês por conta das agitações causadas pela Revolução Cultural, ilustram que Mao Zedong e os outros líderes do Partido Comunista Chinês buscaram traçar estratégias, ligadas tanto às relações internacionais quanto às questões internas, que favorecessem a manutenção do poder que possuíam sobre a China.

Por fim, nota-se que havia uma gama de fatores que influenciaram a ruptura entre China e URSS nos anos 1960, tais como, disputas territoriais, divergências ideológicas e culturais, dentre outros. Porém, verificou-se que os motivos políticos de ordem interna contribuíram de forma predominante para o confronto sino-soviético, as tensões internas acumuladas pela Revolução Cultural e a posição política assumida por Mao Zedong dentro do Partido Comunista Chinês foram centrais para que os conflitos não fossem resolvidos através da diplomacia e culminassem em uma guerra em 1969.

¹⁷ *Ibidem*, p. 53.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FINKELSTEIN, Jesse A. An Examination of the Treaties Governing the Far-Eastern Sino-Soviet Border in the Light of the Unequal Treaties Doctrine. In: Issue 2 Latin American Commercial Law Symposium, 1979. Anais **Boston College International and Comparative Law Review**, vol. 2, , 1979.

FRAVEL, M. Taylor. Regime Insecurity and International Cooperation: Explaining China's Compromises in Territorial Disputes. **International Security**, Cambridge, v.l. 30, n. 2, 2005, p. 46-83.

GERSON, Michael S. The Sino-Soviet Border Conflict: Deterrence, Escalation, and the Threat of Nuclear War in 1969 **Center for Naval Analyses (CNA)**, Arlington, novembro de 2010. Disponível em <https://www.cna.org/CNA_files/PDF/D0022974.A2.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019.

YANG, Kuisong, . The Sino-Soviet Border Clash of 1969: From Zhenbao Island to Sino-American Rapprochement. **Cold War History**, Londres, Frank Cass, v.. 1, n. 1, agosto de 2000, p. 21-52.